

‘Todos Mentem’: A pornografia como método filosófico da modernidade

‘All Lie’: Pornography as a philosophical method of modernity

Wellington Lima Amorim¹

Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRS

51

RESUMO

A intenção deste ensaio é promover uma reflexão, sob o olhar das principais contribuições de Byung-Chul Han no empreendimento dialógico da Filosofia com o método desenvolvido pelos filósofos na modernidade, denominado de pornográfico. Para efetivarmos este objetivo o texto reflete sobre a liberdade de escolha e o processo de desenvolvimento na modernidade, buscando responder as seguintes indagações: Ao entregar aos indivíduos a responsabilidade por suas escolhas, seja ela racional ou social, não estaríamos produzindo uma nova forma de coerção, mas eficiente e duradoura, uma estratégia psicopolítica do liberalismo contemporâneo? Não estaríamos sendo introduzidos em uma servidão absoluta e voluntária? Se na dialética do senhor e do escravo, ser senhor significava apenas gozar e nunca desempenhar, agora surge uma nova era, onde o gozo somente é possível no ato de exercício deste desempenho e para isto precisamos estar sempre capacitados, incluído. Afinal, explorar o outro sem sua própria vontade não é tão eficiente quanto explorá-lo por sua própria escolha. A liberdade de escolha não seria uma astúcia da razão liberal?

PALAVRAS-CHAVES

Byung-Chul Han; sadismo; dispositivo técnico; modernidade; pornografia

ABSTRACT

¹ E-mail: wellington.amorim@gmail.com , Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7299-410X>

The intention of this essay is to promote a reflection, from the perspective of the main contributions of Byung-Chul Han in the dialogical enterprise of Philosophy with the method developed by philosophers in modernity, called pornographic. In order to achieve this objective, the text reflects on freedom of choice and the process of development in modernity, seeking to answer the following questions: By giving individuals the responsibility for their choices, whether rational or social, would we not be producing a new form of coercion, but efficient and lasting, a psychopolitical strategy of contemporary liberalism? Are we not being brought into absolute and voluntary servitude? If in the dialectic of the master and the slave, being a master meant only enjoying and never performing, now a new era is emerging, where enjoyment is only possible in the act of exercising this performance and for this, we need to always be qualified, included. After all, exploiting the other without your own will is not as efficient as exploiting them by your own choice. Wouldn't freedom of choice be a cunning of liberal reason?

KEYWORDS

Byung-Chul Han; sadism; technical device; modernity; pornography

INTRODUÇÃO

Byung-Chul Han é um filósofo sul-coreano contemporâneo conhecido por suas reflexões sobre a sociedade contemporânea, o individualismo, a tecnologia e o neoliberalismo. Em sua obra, ele aborda o conceito de liberdade de uma maneira crítica, questionando as noções tradicionais e explorando as formas como a sociedade atual limita a verdadeira liberdade individual. Han argumenta que vivemos em uma sociedade do desempenho, onde somos constantemente incentivados a buscar a eficiência, a produtividade e o sucesso. Essa lógica de desempenho cria uma pressão constante sobre os indivíduos, levando à exaustão e à depressão. Nesse contexto, a liberdade é frequentemente entendida como a capacidade de escolher entre diferentes opções de consumo ou estilos de vida, mas, para Han, essa visão é superficial. Segundo Han, a verdadeira liberdade não está apenas na escolha, mas na capacidade de se distanciar das demandas e expectativas sociais. Ele critica a cultura do excesso de positividade e otimismo que permeia a sociedade contemporânea, argumentando que isso leva à tirania da positividade, onde não há espaço para a tristeza, o fracasso ou o tempo livre.

Han chama a atenção para a importância da negatividade, do vazio e do ócio como espaços de liberdade onde é possível refletir, pensar criticamente e encontrar uma verdadeira autonomia. Além disso, Han também discute o impacto da tecnologia na liberdade. Ele aponta que vivemos em uma sociedade de vigilância, onde nossa privacidade é constantemente violada e estamos sujeitos a um controle constante. A liberdade individual é minada pelo poder das redes sociais, algoritmos de recomendação e pela constante exposição a estímulos digitais. Han alerta para os perigos do excesso de conexão e da falta de tempo e espaço para a solidão, que são fundamentais para a reflexão e a liberdade de pensamento. Em suma, Byung-Chul Han apresenta uma crítica profunda à noção superficial de liberdade na sociedade contemporânea, enfatizando a importância de encontrar espaços de negatividade, de pausa e de reflexão como forma de alcançar uma verdadeira liberdade individual. Ele desafia as noções dominantes de sucesso, produtividade e positividade, argumentando que a verdadeira liberdade está em escapar dessas demandas sociais e

em encontrar autonomia e autenticidade em nossas vidas. É partir deste referencial teórico que irei ensaiar e entrelaçar conceitos como liberdade, pornografia enquanto método filosófico e sadismo na modernidade.

I

Para Han, a liberdade sempre acontece entre um episódio e outro. O que isto significa? Ao nos libertarmos de uma determinada forma coercitiva, a liberdade seria este momento de passagem, antes que uma nova forma de coerção possa se instalar, ou melhor, se tornar sujeito (estar submetido). Mas, atualmente acredita-se que através da liberdade de escolha racional ou social, exercermos a liberdade em si mesma, isto porque não estamos, mas submetidos a coações externas, mas internas, determinadas por nossa capacidade de escolha, isto porque existe uma exigência de sempre estarmos nos capacitando, desenvolvendo, desempenhando ou otimizando. E isto que Han nos adverte: cada vez mais a liberdade está em crise, devido à capacidade de poder escolher. A liberdade está produzindo coerções:

Vivemos em um momento histórico particular, no qual a própria liberdade provoca coerções. A liberdade de poder (*Können*) produz mais coações do que o dever (*Sollen*) disciplinar, que expressa regras e interditos. O dever tem um limite; o poder não. Portanto, a coerção proveniente de poder é ilimitada e, por esse motivo, encontramos-nos em uma situação paradoxal. A liberdade é a antagonista da coerção. Ser livre significa estar livre de coerções. Oras, mas essa liberdade que deveria ser o contrário da coação também produz ela mesma coerções (HAN, 2018, p. 10).

53

Ao entregar aos indivíduos a responsabilidade por suas escolhas, seja ela racional ou social, não estaríamos produzindo uma nova forma de coerção, mas eficiente e duradoura, uma estratégia psicopolítica do liberalismo contemporâneo? Não estaríamos sendo introduzidos em uma servidão absoluta e voluntária? Se na dialética do senhor e do escravo, ser senhor significava apenas gozar e nunca desempenhar, agora surge uma nova era, onde o gozo somente é possível no ato de exercício deste desempenho e para isto precisamos estar sempre capacitados, incluído. Afinal, explorar o outro sem sua própria vontade não é tão eficiente quanto explorá-lo por sua própria escolha. A liberdade de escolha não seria uma astúcia da razão liberal?

Para Marx, a liberdade individual representa uma astúcia, uma malícia do capital. A livre concorrência baseada na ideia da liberdade individual é apenas a relação do capital consigo mesmo como outro capital, e. i., o comportamento real do capital como capital. O capital intensifica sua reprodução na medida em que, por meio da livre concorrência, relaciona-se consigo mesmo como outro capital. Graças à liberdade individual copula como outro de si mesmo (HAN, 2018, p. 12).

Parece-nos que podemos traçar um paralelo entre Han e a necessidade de capacitação como forma de inclusão dos indivíduos no processo de desenvolvimento social. Estas poderão estar intimamente ligadas à submissão total destes indivíduos ao capital, por regras que são determinadas pelo mercado. Pode haver, portanto, uma ditadura do capital. Não foi e nunca será uma revolução comunista que irá mudar tal projeto civilizatório, é uma contradição insuperável, pois estão lidando com uma nova forma de religião que busca a transcendência na imanência deste mundo, agindo pornograficamente, exigindo transparência:

O capital representa uma nova forma de transcendência, uma nova forma de subjetivação. Uma vez mais, somos arremessados para fora do plano imanente da vida, no qual a vida se relaciona consigo mesma em vez de se sujeitar a um fim extrínseco. A política moderna é caracterizada pela emancipação da ordem transcendente, ou seja, das premissas fundamentadas na religião. Uma política, uma politização completa da sociedade, só seria possível na modernidade, na qual os recursos transcendentais de fundamentação já não têm nenhuma validade. Assim, as normas de ação poderiam ser livremente negociáveis. A transcendência cederia lugar ao discurso imanente à sociedade. Logo, a própria sociedade teria que se erguer uma vez mais a partir de sua imanência (HAN, 2018, p. 16-17).

Para que tal empreendimento tenha sucesso é necessário criar um sentimento de liberdade ilimitada, sendo capaz de seduzir os indivíduos ao ponto de serem totalmente transparentes, por sua livre escolha. Enfim, na modernidade, temos a razão mercadológica ocupando um novo espaço, e esta exige luminosidade sobre todos os cantos escuros que a vida privada possa a ter: *“Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vais se desconstruindo cada vez mais a negatividade em nome da positividade”* (HAN, 2017, p. 9). Isto se chama iluminismo. É neste sentido que se pode dizer que o movimento iluminista é pornográfico. O discurso da pornografia é extremamente transgressivo, pois usa diversos dispositivos técnicos que buscam a máxima visibilidade, consistindo em jogar luz sobre tudo o que está fora de cena, ou melhor, obscuro, ele exige o direito de mostrar, explicitar, colocar tudo nu, exigindo que todos testemunhem diante de seus olhos a verdade do homem, capacitando-o para a moderna sociedade de consumo.

Para Han, o trabalho, responsável pela produção de riqueza, não liberta o servo, todos somos escravos do trabalho: *“a dialética hegeliana servo-senhor conduz a totalização do trabalho”* (HAN, 2018, p. 11). Ser livre significa livre de qualquer objetivo ou propósito, segundo Han, o que empreendedor de si não consegue realizar. O empreendimento de si que o liberalismo econômico nos conduz, acaba por nos levar ao total isolamento na sociedade. Toda e qualquer liberdade se dá na relação entre os indivíduos, que chamamos de amigos, como Han afirma: *“ser livre significa originalmente estar com amigos”* (HAN, 2018, p. 11). Neste caso, o pensamento liberal tem como base a sedução, de onde vem a sua eficiência, e nunca a coerção, por isso, para Marx, a liberdade individual é um instrumento que pode ser usado

astuciosamente, que nos coloca na condição de servidão, através das diversas expressões da liberdade, como a emoção, jogo ou dispositivos comunicativos, que se dão nas relações entre os indivíduos, enfim, de amigos que formam uma comunidade, *Gemeinschaft*. Por fim, observa-se que se acaba submetido à ditadura do mercado, surgindo à indagação: “Assim, nos dias de hoje, coloca-se a pergunta: para escapar à fatídica dialética da liberdade que a transforma em coerção, não deveríamos redefinir ou reinventar a liberdade?” (HAN, 2018, p. 11) ou ainda:

Queremos ser realmente livres? Acaso não inventamos Deus para não termos que ser livres? Diante de Deus, estamos sempre em dívida, somos sempre culpados. Mas a culpa destrói a liberdade. Os políticos de hoje responsabilizam o endividamento elevado (*Verschuldung*) pela extrema limitação de sua liberdade de ação. Se não temos dívidas (*schuldenfrei*), ou seja, se somos completamente livres, precisamos agir seriamente. Talvez nos endividemos permanentemente para que não precisemos agir, ou seja, para não sermos livres, para não termos que assumir responsabilidades. As dívidas elevadas não seriam a prova de que ainda não conseguimos ser livres? Não seria o capital o novo deus, que nos torna devedores? Walter Benjamin concebe o capitalismo como uma religião. É o primeiro caso de culto não expiatório, mas culpabilizador. Já que não existe nenhuma possibilidade de quitar as dívidas, o estado da falta de liberdade se perpetua: uma monstruosa consciência de culpa que não sabe como expiar lança mão do culto não para expiar essa culpa, mas para torná-la universal (HAN, 2018, p. 18).

55

Segundo Han, talvez somente com uma vida com entretenimento é possível fornecer um novo conceito de liberdade: a vida como festa, sem objetivos. Eis o drama: desenvolvimento (vida com objetivos) ou entretenimento (vida sem objetivos)? Onde há desenvolvimento não há entretenimento. É um aparente paradoxo quando falamos em entretenimento ou prazer moral, segundo Kant. Todo desenvolvimento tem por base a culpa e obrigação, que organiza qualquer tipo de projeto, um empreendimento moral, uma coação intelectual. E por isso o caminho do desenvolvimento é ladrilhado pela dor:

Segue-se que podemos compreender a priori que a lei moral como fundamento de determinação da vontade, pelo fato que ela penetra em todas as nossas inclinações, teria de surtir um sentimento que poderia ser chamado de dor”. A moral é paixão. A moral é dor. O caminho para a completude moral, a saber, para a santidade é uma *via doloris* (HAN, 2019, p.98).

No início da modernidade, com Kant, a felicidade e a moralidade estão separadas por um abismo. Seria intransponível? Neste caso:

Ele recorre a Deus, que deve cuidar para que a bem-aventurança seja distribuída exatamente na proporção da moralidade. Pelo sacrifício ofertado, pela dor sofrida, o *homo doloris* (homem da dor) recebe uma “abundante compensação”. Kant capitaliza a dor para a felicidade. A paixão não reduz a dor; antes a aumenta. Ela é a fórmula da intensificação. Ela penhora a felicidade pela bem-aventurança (HAN, 2019, p.100).

Enfim, ser livre é estar desimpedido sem qualquer nível de culpa, de objetivo ou propósito. Para Byung-Chul Han a base do conceito ideológico de liberdade na modernidade é o desenvolvimento. Porém o filósofo acredita que os dispositivos que possam promover um desenvolvimento como liberdade, pode ser uma estratégia psicopolítica retórica, uma mutação ainda mais escravizadora que o atual liberalismo foi capaz de empreender. Se a liberdade de escolha é o conceito central e tem por função a manutenção da liberdade em um constante processo de desenvolvimento fica a indagação: não seria um novo poder inteligente, uma nova perspectiva da biopolítica, uma em vez que ao buscar garantir a liberdade acaba colocando-a em crise? Ou ainda, não seria uma nova forma de expressão do liberalismo, ainda mais agressiva?

A afirmação deste título, todos mentem, pode ser comprovada empiricamente. Vejam alguns exemplos: O bicho-pau tem a habilidade de ficar estativo por horas a fio, ficando praticamente invisível assumindo a aparência de pau ou graveto. Por outro lado, tem-se a lagartixa-satânica-cauda-de-folha se transforma ficando imperceptível assumindo a aparência de uma folha. Ou ainda a Coruja, símbolo da sabedoria, tem hábitos noturnos e se disfarça, misturando-se ao ambiente para caçar ou se esconder. O animal humano não é diferente, sempre imerso na hipocrisia, na arte do disfarce e da mentira, disfarça seus desejos como forma de sobrevivência social. Todavia, a modernidade nasce com a libertinagem. Ser libertino significa dizer que se é um escravo, livre de regras, condutas sociais. E ainda, pode ser considerado um personagem austero, materialista, sem religião ou crenças. Muitas das vezes tinha a doutrina de Epicuro como norte e referência no exercício de sua liberdade. Portanto, a busca da verdade, colocando tudo a nú, de forma transparente e cristalina, é o prazer na vida libertina que compõe uma unidade original e indissociável. Mas o que isto realmente significa? Quer dizer que existe uma associação permanente entre a libertinagem erudita e a dos costumes, e que têm por finalidade desconstruir a moral e a política do antigo regime. No centro da libertinagem estão conceitos como prazer e dor, ou melhor, tudo é reduzido ao determinismo das sensações. Os libertinos partem do conceito de uma natureza, que não possui nenhuma conotação moral. Realizam um espinosismo radical, onde muitos acabam por fazer apologia à sexualidade livre, incesto, onanismo, bestialidades, homossexualismo:

Nada se produz na natureza que se possa atribuir a um defeito próprio dela, pois a natureza é sempre a mesma, e uma só e a mesma, em toda parte, sua virtude e sua potência de agir. Isto é, as leis e as regras da natureza, de acordo com as quais todas as coisas se produzem e mudam de forma, são sempre as mesmas em toda parte.

Consequentemente, não deve, igualmente, haver mais do que uma só e mesma maneira de compreender a natureza das coisas, quaisquer que sejam elas: por meio das leis e regras universais da natureza (SPINOZA, 2017, p. 98).

II

O papel da libertinagem e do dispositivo metodológico da Filosofia atuando pornograficamente na modernidade, entre os libertinos, é capturar o leitor e demonstrar que não há nenhum pecado ou desvio na conduta humana. Todo desejo está em conformidade com a natureza em si. As novelas, romances, poemas libertinos tinham a finalidade de denunciar o artificialismo da civilização ocidental e desmoralizar o antigo regime, considerado corrupto e inepto. Tem por projeto divulgar os ideais do iluminismo e utiliza-se do dispositivo pornográfico para desconstruir os valores da religião cristã. Sempre entre uma orgia ou outra, entre a prática do sexo oral ou anal, há uma pausa pedagógica onde se procura demonstrar que todos os dispositivos institucionais são artifícios, construções que precisam ser abolidos. Por outro lado, os libertinos buscam divulgar uma nova moral secular, que tem por princípio a transparência. É importante lembrar, contudo que a transparência e o explícito nunca foram considerados conceitos que poderiam nos alçar ao belo e ao sublime. Desde Platão, passando pelos neoplatônicos, o belo sempre esteve ligado ao sagrado, escondido, velado. A nudez ou o explícito, é para os cristãos: “*signatura teológica indissociável*” (AGAMBEN, 2010, p. 97). O dispositivo filosófico enquanto método pornográfico quer nos libertar do dispositivo teológico. Os libertinos desejam corpos obscenos, violentamente desvelados e dizem não a corpos sublimes e inacessíveis:

É por isso que o sadista usa de todos os recursos possíveis para fazer com que a carne se manifeste, para fazer com que o corpo do outro assuma violentamente tais posturas e posicionamentos que escancarem sua obscenidade, manifestem sua perda irrecoverável da graça e do charme (AGAMBEN, 2010, p.127).

Isto se dá porque a libertinagem erudita e de costumes possui uma meta: procura alcançar uma verdade inacessível, sem disfarces ou mentiras. Por isso, como foi esclarecido anteriormente ao apresentar o pensamento hegeliano, os libertinos se colocam em um *des-envolvimento* objetivo e sem maiores rodeios. Na literatura libertina a principal meta a ser atingida é o defloramento, um *des-envolvimento* do espírito que busca em última instância um *des-encobrimento*. O que isto – o *des-encobrimento*? O prefixo *des* refere-se a uma separação ou ação contrária. Logo, *des-envolver* é negar qualquer tipo de envolvimento, ou ainda, *des-cobrimento* é retirar o véu que cobre algo. Isto significa que *des-cobrir* é explorar, deflorar, *des-virginar* integralmente o outro. Eis o projeto da modernidade iluminista expressa objetivamente nas filosofias de Kant e Hegel.

Por exemplo, se tem na literatura libertina a obra: *Teresa Filósofa*. Seu tema central é o defloramento, um romance com finalidade, teleológico, fruto do desejo de conhecer. *Teresa*, a personagem central do romance, somente será deflorada quando estiver em plena consciência de si, por alguém que se desenvolveu espiritualmente e possui a Verdade absoluta. Antes de tudo, *Teresa Filósofa* é uma obra de iniciação filosófica. Que iniciação é esta? Denomina-se materialismo e tem por referência um determinismo radical. Mas, o que difere a libertinagem erudita e de costumes em *Teresa*, de Sade? É interessante observar que a iniciação de *Teresa* se dá a partir de um bom tratamento com o outro, de uma ética, onde as mulheres, em uma orgia, por exemplo, não podem engravidar, bem como a advertência de que se devem respeitar as leis sociais. Logo, *Teresa é conservadora*: “*Várias vezes ouviremos, inclusive na conclusão, que devemos liberar nossos prazeres, mas tendo cautela de não por em perigo a máquina social*” (RIBEIRO, 2000, p. 17). A liberdade entre os libertinos iluministas se diferencia da liberdade de Sade exatamente neste ponto. Assim como Kant impõe limites a razão, os libertinos concordam em dar vazão aos seus prazeres desde que obedeçam aos limites que o coletivo social impõe aos indivíduos:

É evidentemente o aspecto do pensamento moral da ilustração com que os escritores libertinos tinham afinidades fortes. Em todos eles, o tema principal é a inocência dos sentidos, a naturalidade do prazer. Cedendo a nossos impulsos, não fazemos outra coisa senão satisfazer paixões e apetites que a natureza colocou em nós. Todas as formas de erotismo são admissíveis, nenhuma é contra a natureza, porque todas derivam de desejos implantados em nossa organização psíquica e física pela própria natureza. Mas também os autores libertinos reconhecem que a autorrealização erótica precisa levar em conta os interesses da sociedade. Basta, para isso, praticar os prazeres discretamente, e não estender a todos os homens direitos que só podem ser exercidos sem consequências antissociais por um pequeno número de indivíduos – os “*que sabem pensar, e cujas paixões se equilibram de tal modo que não deixam subjugar por nenhuma*” (ROUANET, 1990, p. 174).

Enfim, a filosofia de *Teresa* é perigosa se for democratizada, corre-se o risco de ser má interpretada. Por isso, somente um grupo restrito é que pode ter acesso a este tipo de conhecimento esotérico. Os libertinos de *Teresa* consideram que existe certo relativismo moral, ou melhor, o que é considerado crime em algum país poder ser considerado virtude em outro, mas é necessário que existam princípios universais, *uma regra de ouro*, que sirva de referência aos homens e que não pode ser rompida. Acabasse que um conhecido libertino, como Voltaire, intua, mesmo que primitivamente, o imperativo categórico de Kant, quando ele afirma que: “[...] *a única lei fundamental e imutável dos homens é tratar os outros como queremos ser tratados. Essa é a lei da própria natureza, e não pode ser arrancada do coração humano*” (ROUANET, 1990, p. 174). Ou ainda, *Teresa Filósofa* busca divulgar uma:

Filosofia do homem senhor de si. É este certamente o objetivo de toda essa Filosofia praticada na alcova: mostra o homem que domina seus

próprios sentimentos e paixões, que assim estiliza sua própria vida, sofisticando-a no uso que faz de seu desejo [...]. É então esta é a lição refinada de Filosofia erótica que propõe *Teresa*: como fazer feliz a mulher e o homem no gozo dos sentidos desculpabilizados; como manter a ordem da sociedade; como, finalmente, fazer de tudo isso, mas que uma mera série irrefletida de práticas ou técnicas, um estilo. O *ethos* aristocrático caracteriza-se, sempre, por estilizar sentimentos e atos, o que tanto significa embelezá-los quanto submetê-los a regras rigorosas: esquecemos, às vezes, que o próprio sexo e o prazer podem melhor ser vividos quando é com rigor, o que aqui significa associar, na libertinagem, o sexo ao espírito (RIBEIRO, 2000, p.24).

Tudo isso irá mudar com Sade. O seu pensamento apresenta uma profunda ambiguidade em relação aos iluministas. Se por um lado, ele divulga os princípios fundamentais da ilustração, por outro, esse autor traz uma nova versão (*per-versão*) deste movimento social, normalizando a noção de crueldade na literatura libertina. E ainda, se os libertinos desejam a secularização, a expulsão de Deus para dar lugar a um mundo regido pela razão, Sade quer matar Deus para se transformar em um Homem-Deus. Este tem por princípio e característica a malignidade, injustiça e divindade. Esse cenário ocorre, porque somente se é livre sendo um Deus, obedecendo aos princípios universais da natureza. Por outro lado, se observa que no pensamento hegeliano o mal é o efeito, não é causa *sui*, mas se apresenta como possibilidade de nossa ação livre. Todavia, o espírito sendo livre pode se apresentar como maligno, possibilidade ou manifestação da substância. Sua principal expressão está no sentido da religião que é desenvolvido por Hegel na Fenomenologia do Espírito. O mal surge como possibilidade da relação de si, na exteriorização ou manifestação do espírito que pode se apresentar como realidade efetivamente maligna, tendo como fundamento último a totalidade das totalidades, Deus, que se *desenvolve*, desdobra-se, efetiva-se na sua busca pela Consciência de si, em um espírito que se quer Absoluto. Logo, se faz necessário apresentar uma das principais figuras da Consciência de Hegel na Fenomenologia: a religião.

Para Hegel, está é necessariamente a Consciência do Absoluto em si. E se apresenta de duas formas: a) A Consciência da essência; b) A Consciência que se tem da essência absoluta em si mesma. A religião se dá quando o espírito realiza a proeza de se submeter a si mesmo objetivamente, bem como todo e qualquer tipo de representação ou conceitos, ou melhor, é a Consciência que se coloca em perfeita consonância consigo mesma, contendo toda essência e efetividade, enquanto puro pensamento. No entanto, se apresenta uma dualidade que precisa ser superada e que surge entre o ser-aí e o mundo, porque a figura da religião se limita a sua representação, não consegue representar a Consciência de si mesma. A religião é a totalidade ou/o em si do Absoluto que fracassa ao tentar expor sua verdade se colocando como o Absoluto irrepresentável. Mas a busca pela efetividade se dá através de uma Consciência sensível e perceptível, que deseja se constituir como Consciência/religião natural; Consciência-de-si/religião da Arte; Razão e

Espírito/Religião revelada. É importante ressaltar que o espírito somente se torna efetivamente consciente de si no Absoluto. Isto se dá, quando a certeza e a Verdade se tornam a mesma e única coisa. No entanto, a figura da religião é o fundamento do saber absoluto que se movimentará progressivamente em direção ao Espírito Absoluto. Este movimento se dá em três momentos: a) Religião natural; b) Religião da Arte; c) Religião revelada.

Na Religião natural, Hegel nos adverte que o espírito se encontra cindido entre a consciência e sua consciência-de-si, mas que se busca suprimir esta diferença aparentemente abissal. É importante lembrar que esta diferenciação se realiza a partir de uma determinidade inferior para outra superior. Para o filósofo, o primeiro momento do espírito na religião natural se dá a partir da pura obscuridade, trevas, uma noite que é superada a partir de um acontecer, amanhecer. Este primeiro movimento é o surgimento do conceito de luminosidade que se realiza na consciência imediata da certeza sensível. No entanto, não se pode esquecer que a metáfora da Luz está presente nas religiões, mas também na Filosofia ocidental, sendo a razão a fonte do luminoso. Obviamente, existe uma diferença metodológica entre as religiões dos persas, como aponta Hegel na sua História da Filosofia, e a Filosofia ocidental, mas a razão filosófica, bem como a representação religiosa parte do conceito de luminosidade. Mesmo que a primeira tenha por base a empiria, e no caso da religião a fé, os dois movimentos buscam lançar luz, dar transparência ao mundo, que originariamente se apresenta como a noite onde todos os gatos são pardos, como diria o filósofo alemão. Por isso, segundo Aristóteles:

A maior parte dos primeiros filósofos considerava como os únicos princípios de todas as coisas os que são da natureza da matéria. Aquilo de que todos os seres são constituídos, e de que primeiro são gerados e em que por fim se dissolvem, enquanto a substância subsiste mudando-se apenas as afecções, tal é, para eles, o elemento (stokheinon), tal é o princípio dos seres; e por isso julgam que nada se gera nem se destrói, como se tal natureza subsistisse sempre (ARISTÓTELES, *Metafísica*, I, 3. 983 b 6 (DK 11 A 12)).

Ou ainda: *“E afirmam alguns que ela (a alma) está misturada com o todo”*. (Aristóteles, *Da Alma*, 5, 411 a 7 (DK 11 A 22)). Para Hegel, os filósofos da natureza foram capazes de representar o Absoluto a partir da busca pelos os últimos fundamentos da realidade no mundo físico. Uma tentativa desesperada da Consciência em querer ver, desvelar a essência, o verdadeiro, Absoluto (o que é em si e para si): *“assim posto que só há um universal, o universal ser em si e para si, a intuição simples e sem fantasia, o pensamento de que apenas um é”* (HEGEL, 1999, p.203-205). De Tales a Epicuro pode-se dizer que a metodologia filosófica tem por base o desvelamento, explicitação e transparência da realidade, uma busca incessante pelo desvelar das coisas. Todavia, o que sempre movimentou a Filosofia foi: *“um postulado metafísico, uma crença que tem origem em uma intuição mística e que encontramos em todos os filósofos, ao lado dos esforços sempre renovados para exprimi-la melhor”* (NIETZSCHE, 2018, §3). A luz, como metáfora, produto do fogo, tem uma longa tradição na civilização ocidental. Os gregos provavelmente receberam esta influência dos persas e babilônios que tinham a luz como sendo a manifestação

do divino. Em Heráclito o fogo é o elemento constituinte da *physis* de onde tudo provém e para onde tudo retornará, uma natureza dinâmica, em autodesenvolvimento constante que está eternamente retornando ao seu princípio fundamental. Por isso, o fogo sempre foi para a religião grega, princípio purificador, onde o poder e a destruição estão conectados, sendo a sua máxima manifestação, Deus, que significa luz, brilho ou luminosidade. Por isso, é possível sustentar a tese de que Sade quer destronar o Deus cristão para instaurar um Homo-Deus. Por isso, cabe perguntar: o que quer o sádico?

Na modernidade o desaparecimento gradual da centralidade do Deus cristão, fez com que a razão passasse a ocupar seu espaço, exigindo luminosidade sobre todos os cantos escuros que a vida privada possa a ter: “Assim, a sociedade da negatividade dá espaço a uma sociedade na qual vais se desconstruindo cada vez mais a negatividade em nome da positividade” (HAN, 2017, p.9). Isto se chama iluminismo. Nesse caso, o discurso do sadismo, que nasce no século XVII, é extremamente transgressivo, busca a máxima visibilidade, consiste em jogar luz sobre tudo o que está fora de cena, ou melhor, obscuro, este exige o direito de mostrar, explicitar, colocar tudo nú, exigindo que todos testemunhem diante de seus olhos a verdade do Absoluto. E quem pode duvidar de que a modernidade inaugura e se consolida a partir de movimentos espetaculares e transparentes? Exibindo de forma explícita corpos enfileirados e profanados? Não há como negar como é espetacular a produção em série realizada pelo fordismo no século XIX e a esteira de defuntos nos campos de concentração de Auschwitz:

No Terror, sob a Revolução Francesa, 10 mil vítimas pereceram. Entre maio e junho de 1793, mas de 1,3 mil pessoas foram guilhotinadas. Sob o nazismo, mas de 1,3 milhão de judeus foram executados por meio de fuzilamentos e tiros na nuca” [...] prisioneiros “eram infectados com gangrena, com tifo, alvejados com balas de veneno, forçados a saciar a sede com água salgada. Para serem enviados às câmeras de gás e crematórios” (PINHEIRO, 2001, p. 192).

Se a modernidade exige espetacularização, ela é em si mesma um movimento sádico, pois exige o “entendimento sem a direção de outrem”, isto é, o sujeito burguês liberto de toda tutela” (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 75). O que exemplifica que o princípio central da modernidade é a positividade/atividade constante e ininterrupta. Para que este empreendimento tivesse sucesso, a razão moderna buscou colocar a nu toda e qualquer forma de figura que se apresentasse obscura ou subjetiva, se fez necessário, profanar e liberar o homem de qualquer influência de superstição popular ou da religião do antigo regime. A luta que se seguiu foi entre sádicos e masoquistas. Reacionários românticos que se expressaram no maniqueísmo existente entre os contrarrevolucionários católicos e esclarecidos.

Se a grande Filosofia, representada por Leibniz e Hegel, descobrira também uma pretensão de verdade nas manifestações subjetivas e objetivas que ainda não são pensamentos (ou seja, em sentimentos,

instituições, obras de arte), o irracionalismo de seu lado isola o sentimento, assim como a religião e a arte, de tudo o que merece o nome de conhecimento, e nisso como em outras coisas revela seu parentesco com o positivismo moderno, a escória do esclarecimento. (ADORNO; HORKHEIMER, 2006, p. 78).

O esclarecimento é o longo e interminável processo de destruição e construção civilizacional, um progresso que se autodesenvolve-se por etapas, uma arquitetura onde a atividade é intensa, sem ociosidade ou inatividade, uma odisséia do espírito que parte do mais primitivo a magia, do matriarcado ao patriarcado, do politeísmo ao monoteísmo, substituindo antigas mitologias por novas, sempre buscando com isso a objetividade, e *desenvolvimento* em torno de explicitar a fundamentação última da realidade, que a luz da razão seria capaz de fornecer. Como consequência tudo tem a tendência a ser tornar transparente, raso, plano e operacional, tudo é fruto do cálculo e controle, em um tempo presentificado, sem grandes dramatizações ou capacidade interpretativa, enfim: uma modernidade sádica. O trabalho do espírito na modernidade iguala tudo, homogeneiza, passando a ser precificado, onde a transparência coage a tudo e a todos, exigindo aceleração e modificação sistêmica da vida social:

A pressão pelo movimento de aceleração caminha lado a lado com a desconstrução da negatividade. A comunicação alcança sua velocidade máxima ali onde o igual responde ao igual, onde ocorre uma reação em cadeia do igual. A negatividade da alteridade e do que é alheio ou a resistência do outro atrapalha e retarda a comunicação rasa do igual (HAN, 2017, p. 11).

III

O totalitarismo na modernidade se apresenta na imposição da homogeneização e quantificação dos corpos, transparentes e expostos, sem ambivalências. Logo, é um mundo de informações obscenas, não havendo mais espaço para o conhecimento ou a paciência necessária a reflexão espontânea do ser humano, onde o mesmo somente pode ser concebido como simples funcionalidade. No entanto: *“Só a máquina é transparente; a espontaneidade – capacidade de fazer acontecer – e a liberdade, que perfazem com tal a vida, não admitem transparência”* (HAN, 2017, p. 13). A vida privada é exposta nas redes na busca desesperada através de um fluxo comunicativo de total transparência. O tipo ideal na contemporaneidade é a Juliette, a heroína de Sade. Ela é pedagogicamente formada para recusar a qualquer forma de superstição. Exige a exposição, explicitação. A vida da personagem é o exemplo máximo daquele que rasga todos os contratos que fundamenta a civilização ocidental, seu instrumento é o sacrilégio e a bestialidade, enfim, a consequência deste ato se expressa na profanação: *“o gosto intelectual pela regressão, amor intellectualis diaboli, o prazer de derrotar a civilização com suas próprias armas”* (ADORNO, HORKHEIMER, 2006, p. 81). A vida passa a ser exigência de apatia, indiferença, uma sabedoria estoica e demonstrativa que normaliza a nudez e a desinibição. Qualquer espaço protegido pela discricção é profanado, jogado

luz sobre, conquistado e saqueado. Esta indiferença e apatia é a principal característica da modernidade sádica.

É na obra *120 dias em Sodoma* que Sade demonstra um projeto onde a vida é sistemático-demonstrativa, sempre em um tom professoral e acadêmico, ele apresenta, a partir da faculdade de demonstração, que seu raciocínio é um ato de violência, sempre com rigor, serenidade, calma, que nos coloca diante da onipotência e da perfeita solidão que somente a razão é capaz de proporcionar. O que quer o sádico? Afastar qualquer forma de desamparo que possamos vir a ter diante das contingências da vida. Desde que nascemos se experimenta a sensação de ser lançado ao mundo, que se expressa nas marcas deixadas no corpo e pela carbonização da alma, no *burnout psíquico* que se experimenta diariamente. A frustração e o desamparo surgem na mais tenra idade, na separação entre a mãe e filho com a presença da lei que o pai invoca. Da mesma forma que o Pai, no exercício legal de suas funções divinas, expulsa Lúcifer do paraíso, ele (o filho) decai, experimentando a exclusão, sendo constrangido a estar só. Deus é sádico, indiferente, apático ao sofrimento de Lúcifer, seu filho que perdeu sua integralidade, unicidade, comunhão, enfim, se fez homem. Da mesma forma que ao nascer somos jogados em um mundo que se expressa ou se *desenvolve*, a partir de princípios opostos e ambivalentes, que se interpenetram, longe da segurança oferecida intrauterinamente. Não existe nascimento ou amadurecimento sem sofrimento, que precisa ser superado e guardado, *Aufheben*, em uma Consciência infeliz. Este é o desejo estoico que se expressa na certeza da Consciência de si em Hegel, e na exigência de contenção dos seus desejos. É a expressão do desejo contido e recalçado que não exige mais reconhecimento, de Deus, grande Pai, ou do outro, que está diante de si. O sádico inaugura uma guerra contra qualquer dispositivo que venha se colocar como substituto da lei e busca viver sem a necessidade psicológica de colocar algo no lugar simbólico do Pai. Daí porque Freud (2013) irá dizer que Deus e as religiões são ilusões criadas pelo ser humano para suprir a necessidade psicológica do desamparo e procura frear nosso sadismo primário. Enfim, como Legendre (1983) mostrará, por exemplo, como o Estado e o juiz ocupam o vazio do corpo psíquico deixado pelo Pai fundador, sempre ausente, exercendo a função castradora, porém garantidora do projeto civilizacional.

63

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se têm escrito e discutido sobre a atmosfera de crise de nossa liberdade no contemporâneo. Todavia, este ensaio não teve a pretensão de esgotar a discussão, mas de ensaiar e entrelaçar os conceitos de liberdade, sadismo e pornografia enquanto método filosófico moderno e contemporâneo. Afinal, todos os indivíduos possuem dentro de si forças pulsionais que podem nos conduzir a vida ou morte e a escolha de qual caminho a ser trilhado caberá a cada um de nós. Esta escolha é nossa e será ela que determinará o grau de liberdade que teremos, bem como definirá as responsabilidades imputadas por nossa ação livre, mas responsável.

Dedico este texto a alguns professores que colaboraram com o amadurecimento de minhas reflexões no decorrer da minha vida acadêmica. São eles: Profa. Dr. Franklin Trein - UFRJ (Orientador de Graduação); Profa. Dra. Iris Rodrigues de Oliveira - UFRJ (Orientadora das práticas de ensino em Filosofia). Os saudosos professores Luiz Sérgio Coelho Sampaio - UFRJ e Prof. Dr. Carlos Roberto Cirne-Lima - UFRGS/UNISINOS (Orientador de Mestrado); Prof. Dr. Marcelo Fernandes de Aquino (UNISINOS); Prof. Dr. Franz Josef Bruseke - UFSC; Prof. Dr. André Martins Villar de Carvalho - UFRJ (Supervisor de pós-doc).

REFERÊNCIAS

- ARISTÓTELES. *Metafísica*. São Paulo: Edipro, 2005.
_____. *De Anima*. São Paulo: Ed. 34, 2006.
- AGAMBEN G. *Nudez*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.
- ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro, Zahar, 2006.
- HAN, Byung -Chul. *Psicopolítica: o neoliberalismo e as novas formas de poder*. Belo Horizonte: Âyiné, 2018.
_____. *Sociedade da Transparência*. Petrópolis: Vozes, 2017.
_____. *Bom entretenimento*. Petrópolis: Vozes, 2019.
- HEGEL, G.W.F. *Filosofia da História*. Brasília: Editora: UnB, 1999.
- LEGENDRE, P. *O Amor do Censor: ensaio sobre a ordem dogmática*. Rio de Janeiro: Forense, 1983.
- NIETZSCHE, F. *A Filosofia trágica dos gregos*. Lisboa: Edições 70. 2018.
- PINHEIRO, P. S. *Estado e terror*. São Paulo: Cia das Letras, 2001.
- RIBEIRO. R. J. *Teresa, filósofa*. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- ROUANET. Sergio Paulo. *O desejo libertino entre o iluminismo e o contrailuminismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1990.
- SPINOZA. *Ética*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- SADE, M. *Contos libertinos*. Curitiba: Editora: Polis, 1992.
_____. *Os crimes do amor e a arte ao gosto do público*. Porto Alegre: L&PM, 1991.
_____. *Dissertação do papa sobre o crime seguida de orgia*. Lisboa: Editora: & Etc., 1976.
_____. *Escritos políticos*. Rio de Janeiro: Editora: Fronteira, 1977.
_____. *A filosofia na alcova ou os preceptores imorais*. São Paulo: Iluminuras, 1999.
_____. *Os infortúnios da virtude*. São Paulo: Iluminuras, 2009.
_____. *O marido complacente: Historietas, contos e exemplos*. Porto Alegre: L&PM, 1985.
_____. *Um libertino no salão dos filósofos*. Caxias do Sul: EDUCS, 1992.
_____. *Novelas*. São Paulo: Editora: Difusão Européia do Livro, 1961.
- SACHER-MASOCH. *A Vênus das Peles*. São Paulo: Hedra, 2008.

Submetido: 7 de junho de 2023

Aceito: 7 de julho de 2023